



Director literario:  
*Atanapolitano*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:  
*Eduardo Collares*  
PAPUSSE

# FIM DE FIESTA

## Ou la madre del novilho

Por FERNAND'ALMIRO

Desenhos de E. MALTA



O menino Joaquimzinho,  
— Criançinha endiabrada —  
Convidou o Antoninho  
P'ra fazer uma tourada.



Antoninho era o toureiro,  
O Joaquimzinho, o garraio,  
E como tal o matreiro  
Faz co'a tourinha o ensaio.



Diz ao outro que lhe faça  
Uma péga, e nessa festa,  
O «matreiro» de má raça  
Ferra-lhe um galo na testa.



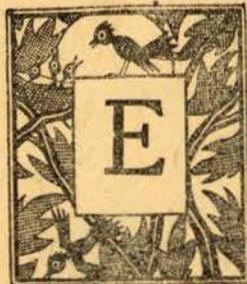
O «diestro» cai de bruços  
Vem «la madre del novilho»;  
Finda a corrida em soluços,  
E «corta a coléta» ao filho.



# AS BOLAS DE SABÃO

Por ROSA SILVESTRE

Desenho de EDUARDO MALTA



Em certa casinha, situada numa aldeia risonha, perto dum regato saltitante e cristalino, vivia uma família composta de pai, mãe e doze filhos.

Todos passavam os dias nas suas ocupações: uns a ajudar o pai nos trabalhos do campo, outros, na escola, a aprender a ler e as meninas em casa, a coser e a arrumar tudo muito bem, para que à tarde, à hora da família se tornar a reunir, nada estivesse fóra do seu lugar.

Apenas os dois irmãos mais novinhos, só pensavam em brincar, o que, aliás, era muito natural, visto o Toninho ter apenas cinco anos e a Rosita quatro.

Logo de manhã, depois de cuidadosamente lavados, com os seus fatos sempre muito limpos e uma boa tijela de leite na barriguinha, toca a pular à vontade, atrás das vaquinhas e dos vitelinhos, que eram tão engraçados!

E com eles o inseparável *Rabicho*, de orelhas espetadas, sempre disposto para as brincadeiras e correrrias do costume.

Um dia, ou porque tivesse acordado mal disposta, ou por qualquer outro motivo, a Rosita declarou que não ia para o campo; ficaria em casa.

O Toninho que era bom pequeno e muito amigo de fazer a vontade à irmãzinha, disse logo que sim.

Mas, em que passariam o tempo?

Tinham que brincar, já se vê.

Fizeram paciências com grandes cubos de madeira colorida. Armaram casinhas de cartão e viram, mais uma vez, as gravuras dum livro velho que estava no armário da casa de costura.

Por fim, já não sabiam que fazer.

A Rosita sentou-se perto da janela e parecia uma pessoa crescida, com ar pensativo e preocupado.

O Toninho, que tinha sempre ideias boas, lembrou-se de ir fazer bolas de sabão.

Há quanto tempo se não entretinham assim?

Que a bem dizer, eles nunca as tinham feito. Os irmãos mais crescidos é que, às vezes, achavam graça a soprar por uma palhinha, enquanto, da outra extremidade, saíam bolas muito leves, que subiam ao ar, desfazendo-se como por encanto.

— Vamos a vêr se eu também sei! — exclamou Toninho.

Minutos depois, estavam os dois pequenos muito satisfeitos, no pátio que ficava em frente da casa, a fazer bolas de sabão.

Toninho soprava com toda a força, com as bochechas muito vermelhas; Rosita olhava de boca

aberta para os balões de espuma, que o sol tornava de várias cores.

— Que lindo! Que lindo!

E os balões cada vez eram maiores.

O Toninho estava todo orgulhoso com a sua habilidade.

A Rosita desejou agarrar aquelas bolas brilhantes, segurá-las nas suas mãosinhas, brincar com elas como com as bolas de borracha que o pai lhe trouxera da vila.

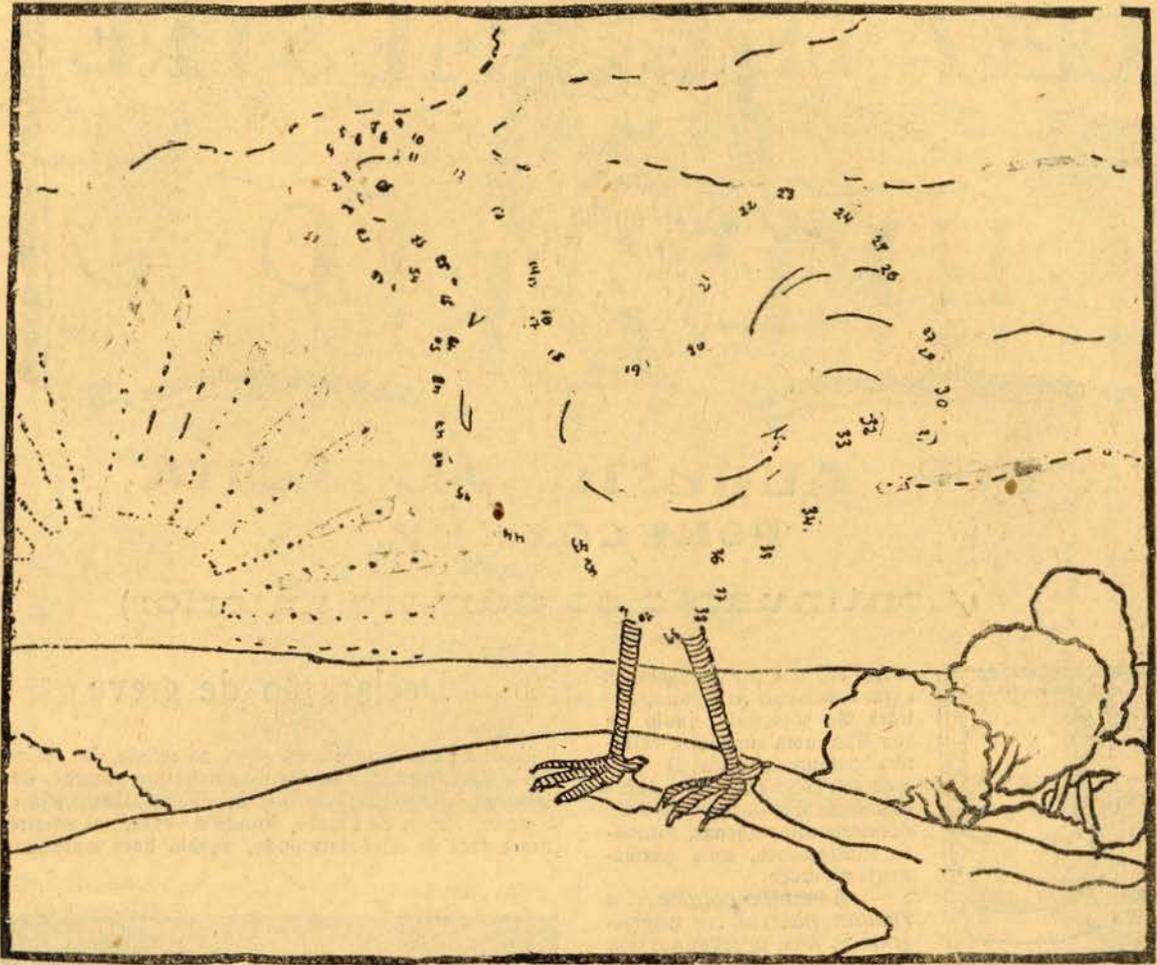
Mas, isso sim! Por mais que estendesse os bracitos não as podia agarrar.

Chegou a tocar-lhes com as pontas dos dedos, mas, imediatamente, as bolas se desfaziam.

Triste, com as lágrimas a espreitar nos olhitos azues, a menina repetia: — Eu queria uma bola de sabão!



# PARA TRACEJAR E COLORIR



Ansioso por satisfazer-lhe o desejo, Toninho soprava cada vez mais e os balões transparentes elevavam-se uns atrás dos outros, rebrilhando.

Pareciam de madre-pérola; alguns eram cor de rosa; outros azulados e todos tão bonitos! Subiam, subiam, desfazendo-se logo que lhes tocavam com as mãozinhas trémulas da pequenita.

Por fim, desistiram, e as duas crianças ficaram amuadas, olhando tristemente uma para a outra.

Dali a pouco chegou o pai. Estranhou vê-los assim e quiz saber o motivo de tão desusada quietação.

O Toninho contou tudo:

— Era a Rosita que queria uma bola de sabão!

Ele fizera muitas, muitas, sem que ela as conseguisse agarrar!

— E é só por isso que choras? — disse o pai, carinhosamente, pegando na filha ao colo.

— Mas eu dou-te outra coisa mais bonita. Dize lá, que queres tu?

— Quero uma bola de sabão, com muitas cores!...

— Isso não posso eu dar-te. Escolhe outro brinquedo.

— Não, não; não quero outra coisa...

Em vista daquela insistência o pai, então, disse assim:

— Ouve, meu amor! Tu ainda és muito pequenina para perceberes bem o que te vou dizer, mas escuta: Eu também, as vezes, quero umas bolas de sabão ainda maiores e mais bonitas do que as que tu viste há pouco.

Estendo os braços e elas fogem, fogem... E eu não tenho outro remédio, senão conformar-me. Não és só tu! Vamos jantar. Trago aqui um bolo para ti.

Rosita encostou a cabeça ao ombro do pai e não disse nada.

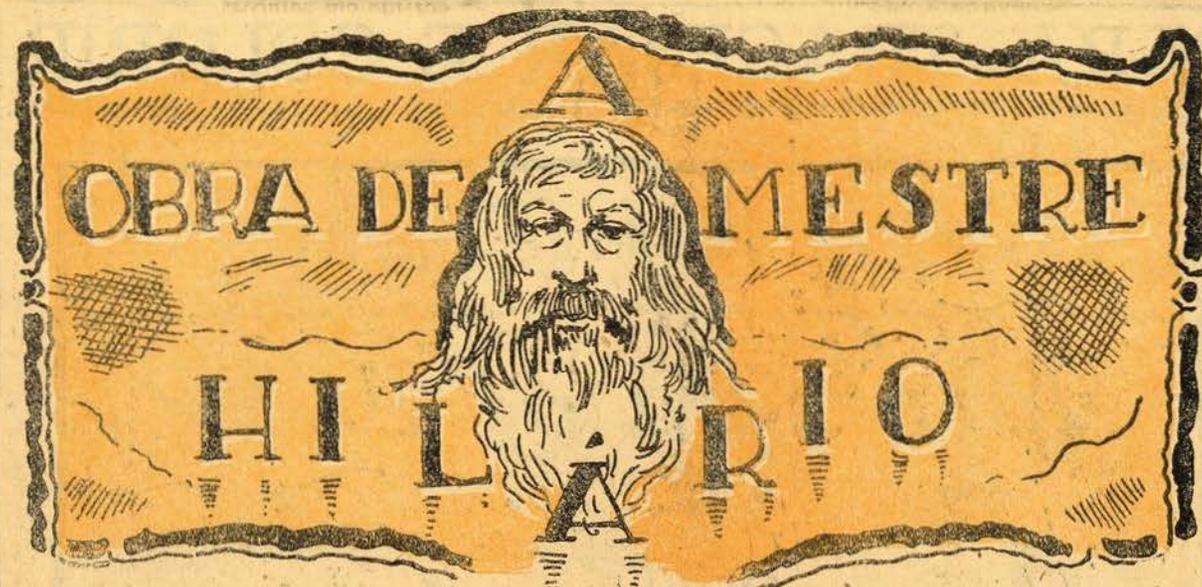
Depois, à mesa, distraiu-se e, por fim, estava alegre e faladora como de costume.

Esta história, naturalmente, pareceu desengraçada aos meus queridos amiguinhos. Têm razão.

Em todo o caso, quando desejarem coisas que não podem ter, quando a sua imaginaçãozinha lhes mostrar maravilhas que os seduzam, lembrem-se das bolas de sabão... A felicidade cá na Terra, é também assim.

Quando julgamos que a temos na mão... ela desfaz-se como o fumo, principalmente quando se trata de vaidades e ambições desmedidas.

Só o bem, a virtude, nos deixam na alma doçura tão consoladora, que nos compensa do muito que desejamos e vemos fugir, como as bolas de sabão...



POR AUGUSTO de SANTA-RITA  
BONECOS de E.M.

(Continuação do número anterior)



É FALCAO não parava agora em casa. A sua vida particular, outrora tão sossegada, junto de sua Mãe, uma simpática velhinha bastante humilde, D. Ana, e de sua filha Valentina, duma extraordinária formosura e de desassete anos apenas, tornou-se, subitamente, num permanente alvorço.

— «A maldita política... a maldita política...» monologava D. Ana, entregue aos seus pensamentos, nos longos serões de inverno, entre a lareira

e a netinha adorada, aguardando, impaciente, o regresso do filho que sempre tardava agora.

O pequenino relógio da saleta onde D. Ana e Valentina conjecturavam já mil hipóteses aterradoras, soava as três da madrugada e ele sem aparecer!

Contudo, decorrida meia hora, dando a volta ao trinco da porta, com a chave que trazia sempre consigo, surgiu finalmente! D. Ana, presentindo-o, soltou um suspiro de alívio e limpou apressadamente as lágrimas.

— «Filho, tão tarde...!» murmurou D. Ana, correspondendo ao beijo furtivo, que ele lhe dera, com outro beijo na testa.

— «Perdõe, minha Mãe; tive uma reunião importante que me obrigou a perder toda a noite. Vão-se deitar!» exclamou Zé Falcão, o Mestre Falcão, como o tratavam na fábrica.

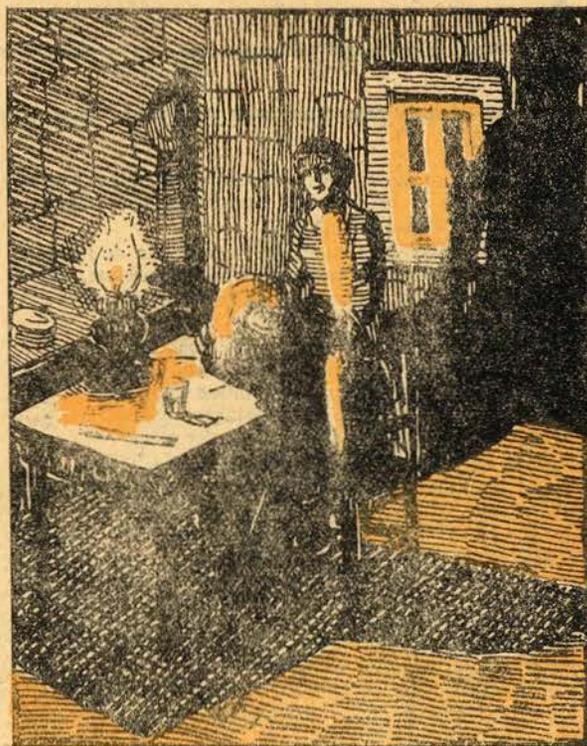
Valentina, cuja opinião o pai às vezes pedia, arriscou timidamente: — «Quere que o auxilie nalguma coisa, meu pai?»

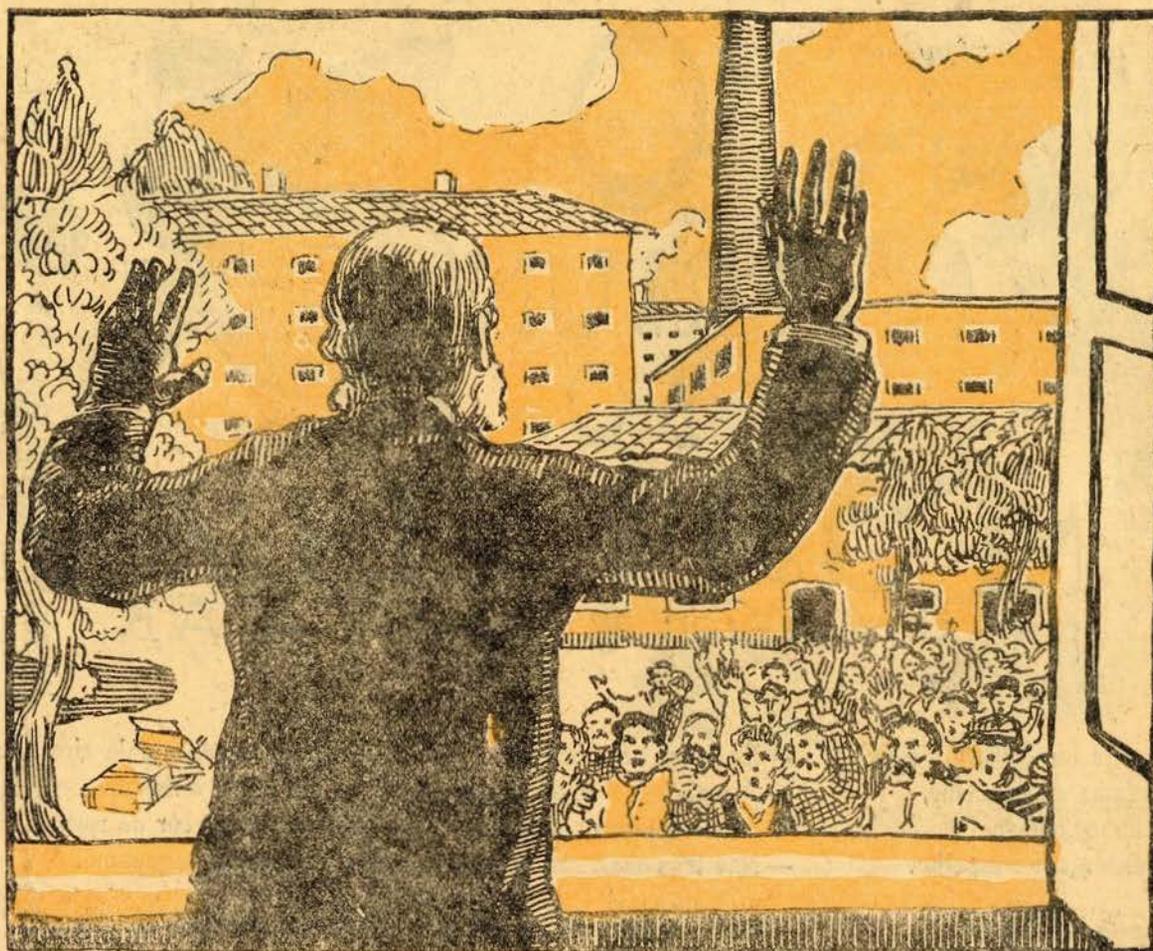
— Não, filha, obrigado. Tenho que estudar esta noite uma série de reclamações do pessoal da «União» que, se não forem atendidas pelo patrão Reis, nos conduzirão à greve. Vão-se deitar. Eu fico aqui trabalhando».

Beijando-as novamente e dando-lhes boas noites, com ar preocupado, dirigiu-se para uma pequena banca onde estendeu uns papeis, à luz de um candieirinho de petróleo, enquanto Valentina se ausentava com D. Ana que, a caminho dos respectivos quartos, monologava outra vez: — a maldita política... a maldita política!...

## Declaração de greve

Após a noite perdida, entregue ao estudo das reclamações a fazer, (redução de horas de trabalho, aumento de salários e participação geral nos lucros da fábrica,) já com sol-nado, Mestre Zé Falcão, saindo de casa, foi espreitar para a doca de Alcântara onde, áquela hora matutina, as





gaiolas, voando em torno de velas e mastros, sobre as águas tranqüilas do rio esverdeado, e ao sópro da brisa, davam uma sensação de frescura, de alento e reconforto moral.

Dando tempo ao tempo, errando sem destino, aguardou que soassem as oito horas da manhã, para, meia hora depois, dar entrada na fábrica.

Assim que a torre da mais próxima igreja ecoou no espaço as oito badaladas do sino, Zé Falcão, pondo-se a caminho, breve chegou à «União Metalúrgica», onde um regimento de operários, com fardamento de ganga, transpunha os amplos portões.

Iniciado o trabalho, poucos segundos decorridos, acêsas as grandes fornalhas, começaram girando as inúmeras rodas, rodízios e volantes do complicado maquinismo, resfolgando actividade e energia.

Já sentado à secretária do seu gabinete envidraçado, Mestre Falcão atendia, agora, o capataz da fábrica.

Ía, como delegado de todo o pessoal da fábrica, prevenir Mestre Falcão de que o operariado aguardava a chegada do Patrão Reis para verem satisfeitas as suas reclamações que, se não fossem atendidas, os levaria à imediata declaração de greve.

Assim que Mestre Falcão declarou que vinha já na intenção de lhe apresentar o relatório das ditas reclamações, souo, subitamente, o sino da fábrica anunciando a chegada à «União Metalúrgica» do grande industrial.

Saudando em continência civil os operários que, vagamente comprometidos, sufocando a prestes insubmissão, mal correspondiam ao affectuoso cumprimento, Severino Reis atravessou a grande oficina e, subindo uma ampla escadaria, entrou no seu gabinete.

Pegando no relatório, Mestre Falcão saiu do seu gabinete e, já entre as portas do «bureau» do grande industrial,

em perfilada atitude, pediu licença para entrar. Com a habitual despreocupação, Severino Reis, estendendo-lhe a mão, em cumprimento afável exclamou com toda a naturalidade: — «Entre Mestre Falcão, Bom dia!» Mas, subitamente, notando-lhe na expressão um certo nervosismo, acrescentou com manifesta ansiedade: — «Que há de novo?!»

— «Novas reclamações do pessoal da fábrica senhor Severino. Incumbiram-me de apresentar a V. Ex.<sup>a</sup> este relatório...», estendendo o papel que formulava as novas exigências do seu operariado, Mestre Falcão, em posição de sentido, aguardou o resultado da sua leitura que já esperava pouco satisfatório.

— «Impossível satisfazer tais reclamações que considero absurdo; — respondeu sêcamente o grande industrial, acrescentando irritado: — «Vejo, com grande mágoa, que o meu pessoal não sabe corresponder ao espirito de tolerância com que o tenho tratado e abusa da generosidade que sempre lhe dispensei. Não, terminantemente! Agora não transijo!»

— «Cumpre-me participar a V. Ex.<sup>a</sup> que, a não serem satisfeitas tais exigências, o pessoal se dispõe a fazer a imediata declaração de greve».

— «Que faça!...» rematou Severino Reis com certa exaltação, enquanto Zé Falcão, deixando o gabinete, se encaminhava para a galeria, que circundava a oficina, onde, debruçando-se, participou a todo o pessoal, por meio de um «haut parleur», a resolução inabalável do grande industrial.

— «A greve, à greve...!» reboou, em baixo, pela extensa oficina, como um grito de guerra, o brado insubmisso da maioria dos operários, que logo irrompeu em hostis manifestações de «abaixo o capital!...» de «vivas à Seita-Rubra e a Zé Falcão» abandonando a oficina.

(Continua no próximo numero)



O  
TRIUNFO da  
MODESTIA  
por J. Aza-sou & bonecos de A.B.

Uma pêra que gozava,  
Certa fama no Concelho,  
Por ciumes odiava  
A rival maçã de espelho.

Criadas quási juntinhas,  
Lá na margem duma horta,  
Eram, por isso, vizinhas,  
Mesmo ali, porta com porta.

Ambas queriam requestar,  
Peceguinho tôdo belo,  
Porque êle era de tentar,  
Embora fôsse amarelo.

Em uma rixa odiosa  
Palavra puxa palavra,  
Numa atitude acintosa,  
Discussão grande se trava.

Mas a pêra malcriada  
Da pobre maçã faz troca,  
Em linguagem desbragada  
Porque ela é de casca grossa.

'Té lhe diz, com arrogância,  
Sabendo que a desconsola,  
— Tu... por não teres elegância  
— Mais pareces uma bola...

— És figura bem ratôna,  
— A mais reles cá da horta,  
— Sendo sempre pobertona,  
— Não tens onde cair morta.

— Bem sei que te faz quizília,  
— E que te causa arrelia,  
— Eu cá na minha família  
— Ter nobreza e fidalguia.

— Tenho títulos, riqueza,  
— Na família até de mais;  
— Existe o Conde, e a Marqueza,  
— E as pérolas em caudais.

As romãs que presenceiam  
Tão grande ofensa à maçã,  
Nos troncos se bamboleiam,  
Protestando com afan.

E tão acêsa questão  
Acabaria em fiásco,  
Se não fôsse a intervenção,  
Dum já maduro damasco.

A maçã bem comportada,  
Desafrentar-se pretende;  
Dando provas de educada,  
Desta forma se defende:

— «Se de elegante e de airosa,  
Não me fadou o destino,  
Tenho as faces côr de rosa,  
E o meu pé é pequenino.

Riquezas não são de espanto,  
Só tenho esta bem patente,  
Praia que é linda, um encanto,  
Que o mar me deu de presente.

Sendo sua possuidora  
Bem assim minhas irmãs,  
Tem a lenda imorredoura,  
De ser Praia das Macãs.

Assim bela e concorrida,  
Vê-se ali à beira-mar,  
A melhor gente escolhida  
Que lá me vai visitar.

Escutando tais razões  
Fica a pêra envergonhada...?  
Dando bem as impressões,  
De já estar muito sorvada.

Em rima pobre bas'ante,  
Vê-se a história definida,  
A «MODESTIA» triunfante,  
Sendo a «SOBERBA» vencida.



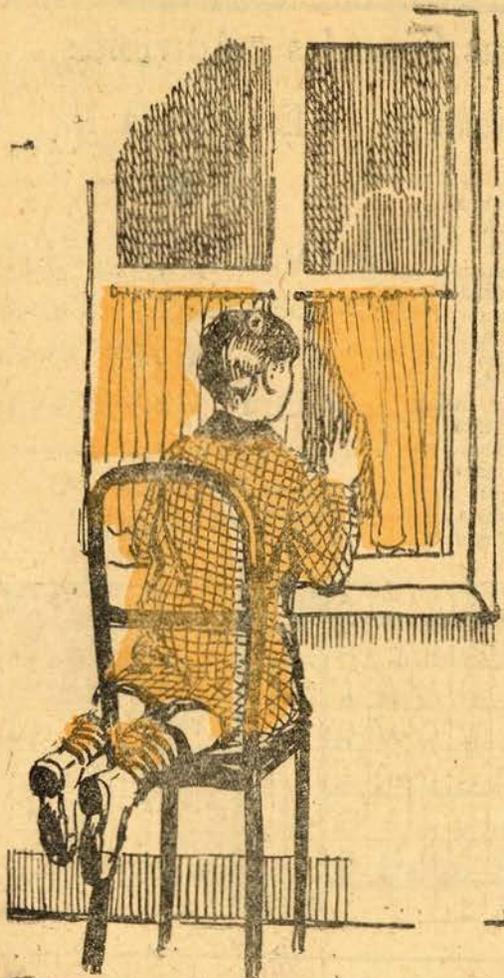
# BALADA INFANTIL

por James Brooks  
bonecos de A. O.



Cai a chuva miúdinha,  
muito fria, lentamente,  
que tristeza!  
Em cima da tósca mesa,  
em casa da pòbrezinha,  
não há migalha de pão...  
e a chuva cai lentamente...  
não há lume no fogão...  
— A Pobreza!...

Cai a chuva de mansinho...  
tamborila na vidraça...  
com que graça!  
Mora lá dentro a Ventura,  
corpo farto e bem quentinho;  
há bom lume e há pão na mesa;  
cai a chuva de mansinho...  
— A Riqueza!...



Cai a chuva, muito fria,  
lentamente, sem parar...  
Bébé está à janela,  
muito intrigado, a pensar  
porque é que o céu choraria?!...

— «Venha, mamã... venha vér!...  
Está uma pòbrezinha  
no portal...  
Tem estado sempre a chover;  
está tôda molhadinha  
e talvez que sem comer...  
Diga a ela para entrar!»

Vestem-lhe roupa quentinha,  
dão comida com fartura  
à pòbrezinha!  
Surpresa de tal ventura,  
a vèlhinha, comovida,  
agradece à despedida,  
chorando de comoção.

... Torna Bébé a espreitar  
à janela... Não chovia.  
Então, pergunta espantado:  
— porque teria acabado  
o céu, assim, de chorar?!

...  
— Sim... porquê?!... Porque seria?!...